

A INFÂNCIA NA BOLÍVIA: UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos ¹

Resumo

Este artigo investiga a construção social da infância na Bolívia a partir de uma perspectiva decolonial. Focamos em artefatos culturais como brincadeiras e literatura para analisar como práticas culturais refletem e perpetuam dinâmicas de poder colonial. Utilizamos uma abordagem de análise bibliográfica e documental, fundamentada nas teorias de Aníbal Quijano (1992), Walter Mignolo (2007) e Silvia Rivera Cusicanqui (2010), além da análise de discurso de Michel Foucault (2014). O texto faz um contraponto à visão eurocêntrica da infância, destacando as influências religiosas dos ancestrais indígenas, a realidade das crianças que vivem nos Andes, enfrentando grandes altitudes, e a concepção da infância latina que valoriza as identidades culturais locais. A análise de artefatos culturais revelou tanto a perpetuação de estereótipos coloniais quanto iniciativas de resistência e valorização das identidades culturais locais.

Palavras-chave: Infância; Bolívia; Artefatos culturais.

CHILDHOOD IN BOLIVIA: A DECOLONIAL PERSPECTIVE

Abstract

This article investigates the social construction of childhood in Bolivia from a decolonial perspective. We focus on cultural artifacts such as games and literature to analyze how cultural practices reflect and perpetuate colonial power dynamics. We use a bibliographic and documentary analysis approach, based on the theories of Aníbal Quijano (1992), Walter Mignolo (2007), and Silvia Rivera Cusicanqui (2010), in addition to Michel Foucault's discourse analysis (2014). The text contrasts the Eurocentric view of childhood, highlighting the religious influences of indigenous ancestors, the reality of children living in the Andes facing high altitudes, and the conception of Latin American childhood that values local cultural identities. The analysis of cultural artifacts revealed both the perpetuation of colonial stereotypes and initiatives of resistance and the appreciation of local cultural identities.

Keywords: Childhood; Bolivia; Cultural Artifacts.

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro da Equipe Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Corumbá MS.



1. Introdução

A infância é uma construção social e cultural moldada por discursos e práticas que variam conforme contextos históricos e geográficos. Na Bolívia, essa construção está intimamente ligada à herança colonial e às dinâmicas de poder que persistem até hoje (Quijano, 1992). Na Bolívia e, de maneira mais ampla, na América Latina, elas são marcadas profundamente por processos históricos de colonização, resistência e construção de identidades nacionais. Assim, através de uma análise crítica, busca-se desconstruir as narrativas coloniais dominantes, valorizando as tradições culturais latino-americanas e evidenciando as implicações para a pesquisa e prática educacionais contemporâneas.

O objetivo deste artigo é propor uma análise decolonial da infância na Bolívia, destacando como as práticas culturais refletem e reproduzem as dinâmicas de poder colonial. Especificamente, focamos em artefatos culturais como brincadeiras e literatura para entender como essas práticas culturais moldam a identidade infantil e perpetuam ou desafiam as estruturas de poder.

A metodologia utilizada é uma abordagem de análise bibliográfica e documental, fundamentada nas teorias de Aníbal Quijano (1992), Walter Mignolo (2007) e Silvia Rivera Cusicanqui (2010), além da análise de discurso de Michel Foucault (2014). A pesquisa envolve a revisão de literatura relevante e a análise de documentos históricos e culturais que retratam a infância na Bolívia.

Os artefatos culturais, como brincadeiras e literatura, desempenham um papel crucial na formação da identidade infantil e na transmissão de valores culturais. Brincadeiras tradicionais, como a *rayuela* (amarelinha), *el trompo* (pião) e sapo, não só promovem habilidades motoras e sociais, mas também são veículos de preservação de tradições ancestrais e de resistência cultural. Essas brincadeiras permitem que as crianças participem ativamente das tradições culturais locais, reforçando seu senso de pertencimento e identidade.

Da mesma forma, a literatura infantil boliviana, através das obras de autores como Adela Zamudio e Oscar Alfaro, aborda temas de identidade, resistência e cultura, proporcionando narrativas que desafiam e subvertem os estereótipos coloniais. Por exemplo, Adela Zamudio (1854-1928), conhecida por sua obra "Íntimas" (1913), e Oscar Alfaro (1921-1963), autor de "Cuentos Chapacos" (1956), oferecem perspectivas que destacam a resistência cultural e a valorização das identidades locais. A literatura funciona como um meio poderoso de construção de identidades e transmissão de valores culturais, promovendo uma visão mais inclusiva e representativa da infância boliviana.

Este artigo também contrasta a visão eurocêntrica da infância com a concepção latina, que valoriza as identidades culturais locais e reconhece a influência dos ancestrais indígenas. As crianças que vivem nos Andes, por exemplo, não apenas enfrentam as dificuldades de grandes altitudes e temperaturas extremas, mas também estão imersas em práticas religiosas e culturais que reforçam seu senso de pertencimento e identidade cultural.

A análise de artefatos culturais revelou tanto a perpetuação de estereótipos coloniais quanto iniciativas de resistência e valorização das identidades culturais locais. Com isso, pretendemos fornecer uma visão mais inclusiva e representativa da infância boliviana, que valorize e respeite as diversas formas de ser e entender o mundo.

2. A Decolonialidade na Bolívia: infâncias eurocêntricas e indígenas

A decolonialidade é um conceito central que visa desconstruir as estruturas de poder e conhecimento que foram estabelecidas durante e após o período colonial. Aníbal Quijano (1992) e Walter D. Mignolo (2007) são fundamentais para entender a colonialidade do saber e do poder, conceitos essenciais para analisar como a infância é construída na Bolívia.

A colonialidade do saber refere-se à imposição de um sistema de conhecimento eurocêntrico que marginaliza outras formas de saber, enquanto a colonialidade do poder descreve a perpetuação de hierarquias sociais e econômicas coloniais. Silvia Rivera Cusicanqui (2010), uma teórica boliviana, também contribui significativamente para a compreensão das especificidades culturais e históricas da região. Michel Foucault e a Análise de Discurso oferecem uma ferramenta crítica para explorar como os discursos produzem e regulam o conhecimento, criando identidades e relações de poder (Foucault, 2014). Sua teoria do discurso é instrumental para analisar como as práticas culturais na Bolívia constroem a infância.

Pesquisadores da área de estudos pós-coloniais têm dedicado décadas ao mapeamento e desconstrução dos legados do colonialismo, desenvolvendo uma perspectiva crítica que identifica o colonialismo como um evento disruptivo com repercussões prolongadas. Edward Said, em 1978, caracterizou o colonialismo como um "legado com efeitos duradouros, embora profundamente injustos" (p.89). Por sua vez, Gayatri Spivak (1990) explorou a "normalidade modificada" instaurada pelo colonialismo, analisando seus impactos contínuos nas práticas e conhecimentos culturais, sociais e materiais, tanto nas colônias quanto nas metrópoles.

Spivak (1990) critica os esforços ocidentais para "dar voz" aos subalternos, argumentando que tais esforços muitas vezes falham em reconhecer as complexidades das posições dos subalternos e tendem a perpetuar as estruturas de poder existentes ao invés de dismantelá-las. Ela argumenta que, ao enxergar as infâncias com o olhar do colonizador, a invisibilidade e a exclusão permanecem nas narrativas dominantes e estruturas de poder: "O subalterno não pode falar. Não existe virtude nessa incapacidade. Ela decorre de sua localização dentro das redes do poder imperialista" (p.78).

Spivak (1990) usa o termo "subalterno" referindo-se principalmente às populações do Sul Global que são marginalizadas tanto dentro do discurso colonial quanto nas teorias críticas desenvolvidas no Ocidente. Segundo Spivak (1990), os subalternos estão situados em um espaço onde a linguagem e a cultura do colonizador dominam, dificultando que suas próprias palavras e significados emergem intactos. Ela explora a ideia de que, quando os subalternos

tentam falar ou resistir, suas palavras são frequentemente cooptadas ou reinterpretadas através de lentes ocidentais, o que pode distorcer ou apagar completamente seus verdadeiros significados e intenções.

Na Bolívia, a representação da infância é influenciada por uma tapeçaria de culturas indígenas que coexistem com influências coloniais e modernas. As culturas aimará e quéchua, por exemplo, possuem concepções de infância que divergem significativamente das visões ocidentais tradicionais. Nessas culturas, as crianças são frequentemente vistas como integrantes ativas da comunidade, com responsabilidades e papéis definidos desde tenra idade. Este contraste com a visão ocidental da infância como uma fase de dependência e preparação para a vida adulta oferece uma perspectiva valiosa para o estudo da infância em contextos decoloniais.

Dessa forma, na Bolívia, as crianças desempenham papéis importantes em suas comunidades, desde a participação em atividades econômicas até a prática de rituais culturais. Esta participação ativa desafia a visão ocidental da infância como um período de passividade e dependência, destacando a agência e a capacidade das crianças de contribuir para a continuidade e a transformação de suas culturas (Barrios, 1995).

Logo, as implicações para a pesquisa e para a prática educacional se dão a partir da análise das representações da infância na Bolívia e na América Latina, revelando a importância de uma abordagem sensível às especificidades culturais e históricas que ocorrem em diferentes contextos. Para isso, pesquisadores e educadores devem valorizar os saberes locais, incorporando e valorizando os conhecimentos e as práticas das culturas indígenas e afrodescendentes.

A globalização tem sido a grande responsável por tornar o mundo mais conectado, criando uma "vila global", como descrito por Marshall McLuhan (1964). Entretanto, esse fenômeno envolve o fluxo das comunidades e das informações, atravessando fronteiras nacionais e internacionais, evidenciando a noção de lugar em espaços simultâneos separados pela localidade e pelo tempo. Todavia, fatores econômicos oriundos do capitalismo têm contribuído diretamente para a expansão das fronteiras, impondo um padrão global que afeta a produção e as trocas mercantilistas por meio da monetização de serviços, consumo, produtos e modos de vida.

Dessa maneira, os processos de globalização são considerados fenômenos sociais e culturais, possibilitando diversas pesquisas sobre a infância. Desde a década de 90 até os dias atuais, esses estudos têm se voltado para a "criança global", baseando-se em modelos e perspectivas eurocêntricas que influenciam a cultura, o consumo e o comportamento das crianças. Além disso, há a consideração das controvérsias entre a educação como um direito da criança e a realidade do trabalho infantil (Aitken et al., 2006).

Portanto, Escobar (2008) afirma que a globalização, principalmente originária do Sul, enxerga os processos globais como uma nova forma de dominação imperial, chamada de "colonialidade global". Por essa razão, a marginalidade tem se intensificado em países do Sul, considerando a hegemonia da cultura global. Torna-se evidente que os processos inerentes a esse fenômeno

ocorrem de diferentes maneiras, sendo tematizados sob novas perspectivas, necessárias para a realização da pesquisa e a produção de conhecimento sobre a infância.

3. Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem de análise bibliográfica e documental, fundamentada nas teorias decoloniais e na análise de discurso de Michel Foucault para investigar os processos de colonização e as transformações sócio-históricas que ocorreram no período decolonial.

A análise bibliográfica envolve a revisão sistemática de literatura relevante para contextualizar o estudo e identificar lacunas no conhecimento existente. A análise documental consiste na interpretação de documentos oficiais e históricos, como o *Código Niño, Niña y adolescente* na Bolívia, para obter uma compreensão profunda do contexto e das práticas culturais que influenciam a infância no país.

A análise de discurso, conforme Foucault (2014), é uma metodologia crítica que explora como os discursos produzem e regulam o conhecimento, criando identidades e relações de poder. Essa abordagem é essencial para compreender como as práticas culturais na Bolívia constroem a infância e perpetuam ou desafiam as estruturas de poder colonial.

Além disso, os artefatos culturais, definidos por Geertz (1973) como objetos, práticas e símbolos que carregam significados culturais específicos, são examinados para revelar as dinâmicas de poder subjacentes. No contexto desta pesquisa, analisamos brincadeiras tradicionais e obras literárias infantis bolivianas para entender como esses artefatos refletem e influenciam as experiências das crianças.

A pesquisa qualitativa permite uma compreensão detalhada e contextualizada das experiências humanas, o que é particularmente relevante para o estudo das práticas culturais e das representações da infância. Minayo (2014) destaca a importância da pesquisa qualitativa na captura das nuances e complexidades dos fenômenos sociais. Essa abordagem permite explorar as vivências das crianças bolivianas em um contexto decolonial, valorizando as especificidades culturais e históricas.

4. Resultados e discussões

Temos, por outro lado, a presença do trabalho infantil na Bolívia, o que acarreta gera um impacto negativo, pois impede que as crianças possam viver e desfrutar de sua infância como deveriam, tendo que realizar as funções de um adulto comum, como lavar roupa, cozinhar, tomar conta da casa, entre outras. Nessa perspectiva:

Apesar do Código da Criança e do Adolescente, muitas crianças indígenas bolivianas trabalham desde cedo, principalmente na agricultura e em atividades informais, contribuindo para a renda

familiar. Isso revela a falha na implementação de políticas de proteção infantil (Unicef, 2020, p. 34).

Assim, o Código da Criança e do Adolescente considera que muitas crianças bolivianas começam a trabalhar desde cedo, principalmente na área agrícola e nas demais atividades informais para auxiliar na renda familiar, pois muitas famílias encontram-se em situações de vulnerabilidade socioeconômica. Segundo a Estratégia de Educação da UNICEF 2019-2030, aprovada no mesmo ano, favorece a posição central aos resultados de aprendizagem à hora de cumprir os ODS e seus objetivos para a infância:

La estrategia exhorta a UNICEF a velar por que los niños de 5 años estén preparados para acudir a la escuela, los niños de 10 años para obtener buenos resultados en la escuela y los niños de 18 años para la vida y el trabajo. La estrategia hace hincapié en la asistencia y la retención, las evaluaciones y los métodos de aprendizaje, y la rendición de cuentas. Otorga prioridad a tres enfoques: el fortalecimiento de los sistemas, el uso de datos y pruebas, y las innovaciones que se puedan ampliar y mantener. (Unicef, 2020, p.22).

Assim, a estratégia considera as crianças de 5 a 10 anos que estão na fase de ir para a escola e, por conseguinte, obter bons resultados em relação aos estudos e o seu desempenho. Por esse motivo, a assistência, o rendimento, as avaliações e os métodos de aprendizagem são considerados requisitos importantes para trabalhar com a formação infantil e dar enfoque no aspecto das discussões sobre o tema de forma a ampliar e renovar as perspectivas até então conhecidas.

Com isso, todo esse processo é reflexo de uma visão eurocêntrica que trata a infância como um período homogêneo e universal, ignorando as diferenças culturais que possam ocorrer (Foucault, 1979). Em contraste à perspectiva decolonial, o modelo hegemônico europeu tampouco valoriza as diversas formas de ser criança, nem as suas múltiplas identidades, oriundas das influências culturais, históricas e específicas da Bolívia. Assim, há uma dissonância entre as duas perspectivas, nos levando a perceber que é preciso construir um novo olhar, com mais empatia e carinho para com as crianças.

Assim, a infância na Bolívia se dá entre a tradição e a modernidade. Neste país, a representação da infância é influenciada por uma rica tapeçaria de culturas indígenas, que coexistem sob influências coloniais e modernas. Nessa perspectiva, as culturas *aimará* e *quéchua*, por exemplo, possuem concepções de infância que divergem significativamente das visões ocidentais tradicionais.

Tendo isso em vista, nas culturas referidas, as crianças são frequentemente vistas como integrantes ativos da comunidade, pois exercem papéis com responsabilidade que são definidos desde a tenra idade. Logo, este contraste concebe a visão ocidental da infância como uma fase de dependência e preparação para a vida adulta, trazendo uma perspectiva valiosa para o estudo

desta em contextos decoloniais, isto é, a presença decolonial.

Assim, a literatura infantil boliviana aborda temas como identidade, resistência e cultura. Por essa razão, obras de autores como Adela Zamudio questionam as estruturas sociais em que o país está inserido e promove a emancipação, mostrando como a identidade e a cultura da Bolívia são apresentadas por meio da ação dos personagens presentes no enredo. Por outro lado, temos a literatura contemporânea que abarca diversas vertentes e valoriza as culturas indígenas e afrodescendentes, criando um imaginário mais inclusivo.

Dessa forma, adotar uma perspectiva decolonial na análise da infância implica em questionar narrativas dominantes que são frequentemente marginalizadas pela sociedade e, até mesmo, grande parte das pessoas, simplificam as vozes e experiências indígenas e afrodescendentes. Por esse motivo, esta abordagem busca desvelar as camadas de opressão e resistência que moldam as representações da infância, reconhecendo a agência das crianças e suas comunidades na construção de suas identidades e, por conseguinte, seu futuro.

Portanto, na Bolívia, as políticas educacionais e culturais têm, nos anos recentes, buscado integrar mais plenamente as perspectivas indígenas, promovendo uma educação intercultural e bilíngue que valoriza as tradições e conhecimentos locais. Assim, essa abordagem não apenas desafia as narrativas coloniais, mas também enriquece a compreensão da infância como uma experiência diversificada e com base nas raízes, frutos da pluralidade dos contextos dessas regiões.

A partir da realização deste trabalho, obteve-se resultados e discussões sobre o tema. Percebeu-se que a Bolívia é um país com uma rica cultura e, por essa razão, os artefatos culturais concernentes à Infância se tornam importantes na construção do processo de identidade das crianças e impactam diretamente na sua forma de olhar para o outro e para o mundo.

Assim, as brincadeiras refletem as culturas e tradições bolivianas que incluem diversas atividades lúdicas, promovendo o entretenimento às crianças, além de desenvolver a capacidade motora, cognitiva e manual dos pequenos. Alguns exemplos incluem: *Rayuela* (Amarelinha): Desenhada no chão, promove habilidades motoras e equilíbrio, *El Trompo* (Pião): Desenvolve coordenação e destreza manual). *Sapo*: Envolve precisão e concentração em festivais comunitários.

Todas as brincadeiras acima são importantes, pois por meio de estratégias dinâmicas e divertidas, permite que as crianças possam ter contato com a língua, com a literatura e refletir sobre o seu uso cotidiano. Além do mais, traz a ideia de aproximar as identidades e romper com as barreiras impostas, pois a Língua Portuguesa possui a mesma origem da Espanhola, considerando a proximidade entre as regiões e os países que fazem fronteira com o nosso. Por outro lado, as influências e tradições religiosas influenciam diretamente nas vivências que construímos ao longo da vida. Tendo isso em vista:

As crianças bolivianas, especialmente nos Andes, são influenciadas por tradições religiosas indígenas, como a Pachamama e os rituais em honra aos Apus (Abercrombie, 1998). Vivendo em grandes altitudes e temperaturas baixas, essas crianças demonstram resiliência notável (González, 2012).

As crianças enquanto sujeitos que estão se descobrindo, é preciso realizar atividades lúdicas e variadas para que elas possam se sentir inseridas no ambiente escolar. Assim, as crianças constroem uma relação de poder nas situações dos jogos, que podem levá-las a enfrentar determinadas situações da vida real por meio de obstáculos e caminhos que estes vão lhe oferecendo.

Nessa perspectiva, a criança traz a identidade de um determinado lugar e isso implica compreender as desigualdades sociais e econômicas presentes na América Latina, mantida pela obtenção de riquezas e pela exploração das crianças, e por conseguinte, pela pobreza infantil por meio de sistemas hegemônicos de dominação social e institucional que negam o subsídio relacionado às condições sociais adequadas da infância na região.

Com isso, é importante mencionar que várias crianças, assim como boa parte da população, se concentram em cidades segregadas e populosas no aspecto econômico e social, dificultando a circulação destas, assim como a garantia e a propagação de seus direitos, necessitando da organização de uma agenda política voltada para os problemas apresentados.

Entretanto, neste cenário, é notável que as crianças têm enfrentado alguns problemas relacionados ao cumprimento dos direitos estipulados pela Convenção sobre os Direitos da Criança, no que diz respeito às práticas sociais e culturais, pois ocasionado um retrocesso, levando à convivência com diferentes formas de violação contra os direitos humanos concernentes à área da educação, da participação infantil, garantindo proteção contra a violência e discriminação. Assim, para muitas crianças, o exercício se torna mais difícil, pois é preciso levar em consideração as possibilidades de escuta, da presença de múltiplas vozes que se manifestam nos cenários em que elas vêm.

Para Liebel e Saadi (2013), as crianças estão diante de um contexto diverso, no qual há diferentes campos de ação que exercem participação neste processo e também em vários âmbitos da vida social, que precisam estar alinhados diante dos acontecimentos e dos objetivos para que ela dê de maneira efetiva. Nesse sentido, os autores relatam situações reais, políticas, econômicas, familiares, entre outras, que se dão a partir das estratégias e das ações planejadas para cada geração e, nesse caso, elas são o principal foco.

Desse modo, é importante pensar o protagonismo infantil relacionado à participação e a condição humana é, sobretudo, compreender cada criança em sua essência, uma vez que ela só é exercida quando se dá o ato de participar, desenvolvendo o exercício e a plena função do fenômeno concernente aos diversos protagonistas que se inserem em diversas camadas sociais, caracterizadas pelas condições de pobreza e de exploração.

Além disso, este conceito é conhecido na América Latina a partir dos

movimentos sociais de crianças, trabalhadoras, relacionado ao protagonismo popular que se dá pela manifestação dos movimentos de trabalhadores sem terra, mulheres, indígenas, etc, que lutam contra modelos excludentes (Cussianovich, 2006) com o objetivo de desenvolver valores e princípios que apresentem ideias emancipatórias diante do eurocentrismo e outras formas de marginalização e invisibilização social.

Isso também se dá pelo contexto no qual se encontram, onde necessitam realizar tarefas domésticas, atividades laborais que realizam fora de casa, além das escolares na própria instituição, configurando-se assim, em ações que se dão nas diversas regiões do continente. Então estes estudos buscam refletir sobre esses aspectos e romper com a concepção hegemônica de infância para melhor compreender este processo como fruto da política e da cidadania.

Dessa forma, este fenômeno pode ser definido como um processo que invisibiliza crianças e adolescentes enquanto sujeitos históricos de lutas e transformações sociais, que promove o apagamento da especificidade de suas vidas, na medida em que as concebe como “protótipos de adultos” numa perspectiva do vir a ser e não do já é. Nesse contexto, as crianças e adolescentes têm o seu presente negado em função de um futuro que elas não escolheram e do qual não desejam participar.

Portanto, dentro do universo universal, marcado pela presença do adultocentrismo, são reproduzidos diversos padrões sociais, concebendo funções de adultos às crianças e, então, fazendo com que elas não vivam a infância como deveriam devido às condições em que estão inseridas. Por essa razão, a concepção de que as crianças eram consideradas “adultos em miniatura” (Áries, 1981), reforça o modelo hegemônico da Europa Medieval.

5. Considerações finais

Este artigo é fruto de uma pesquisa com ênfase nas transformações sócio-históricas sobre uma temática pouco explorada no campo acadêmico, não sendo tão debatida no âmbito da pesquisa educacional. Portanto, as considerações relacionadas a partir dos dados coletados sobre a infância na Bolívia e na América Latina mostram as inquietações e as discussões ainda em ebulição, com o intuito de aprofundá-las e conseguir investir suas diretrizes. Por essa razão, a infância das crianças bolivianas é um tema imprescindível, pois está relacionado às práticas e das dinâmicas decoloniais, sob a construção de um olhar novo para a ocorrência dos processos de colonização e adultização das crianças.

O interesse por esse tema surgiu a partir da realização de outras pesquisas realizadas nas escolas que trabalhei e através de algumas experiências que tive na Bolívia. Também é interessante pensar sobre a análise de artefatos culturais que são registros feitos pela própria mão do homem e contribuem para a memória de uma determinada cultura.

Além disso, estes também influenciam diretamente na perpetuação de estereótipos coloniais quanto às iniciativas de resistência e valorização das

identidades culturais locais. Ou seja, é recomendável que educadores e formuladores de políticas desenvolvam práticas e políticas mais inclusivas e sensíveis às diversidades culturais. Afinal, a língua portuguesa apresenta uma grande proximidade com a espanhola, apesar de suas diferenças, por isso é preciso que se crie mecanismos que possam aprimorar a comunicação e para que futuras pesquisas possam explorar outras dimensões da infância a partir de uma perspectiva decolonial.

REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, THOMAS. **Pathways of Memory and Power: Ethnography and History among an Andean People**. Madison: University of Wisconsin Press, 1998.
- AITKEN, Stuart, LÓPEZ-ESTRADA, Sílvia. JENNINGS, Joel. **Reproducing life and labor: Global processes and working children in Tijuana, Mexico**. *Childhood*, Trondheim, v. 13, n.3, p. 365-387, 2006.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARRIOS, Molina. (1995). **Criterios y Estrategias para la definición de Líneas de Investigación y prioridades para su desarrollo**. Universidad Pedagógica Experimental Libertador Caracas. Caracas. Venezuela, 1995.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. tradução de Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glaucete Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1994.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax Utxiwa. Reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Lemón, 2010.
- CUSSIANOVICH, Alejandro. **Ensayos sobre infancia. Sujetos de Derechos y Protagonistas**. Tomo I. Lima, Peru: IFEJANTs, 2006.
- ESCOBAR, Arturo. **Beyond the third world: Imperial globality, global coloniality and anti-globalization social movements**. *Third World Quarterly*, [London], v.25, n.1, p.207- 230, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1972. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GEERTZ, Clifford. **The interpretation of cultures: selected essays**. New York: Basic Books, 1973.

GONZALEZ, Marcio Hernandez. **Contextualismo e mecanicismo: implicações conceituais para uma análise do comportamento**. Didática, v.31, p.199-217, 2012.

LIEBEL, Manfred, Saadi, Iven. La participación infantil ante el desafío de la diversidad cultural. Desacatos. **Revista De Ciencias Sociales**, p.123-140, 2013.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MIGNOLO, Walter. Delinking. **Cultural studies**, London, v. 21, n. 2, p. 449-514, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OSCAR ALFARO. **CUENTOS CHAPACOS**. CUARTA EDICION. Edita: Fanny Mendizábal Vda. de Alfaro. Apartado 3860. La Paz — Bolivia, 1978.

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 1992.

SAID, Edward W. Orientalismo: **O Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1990.

UNICEF. **Para cada niño, reimaginemos un mundo mejor. Informe Anual de UNICEF, 2019**. Nueva York: Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia (UNICEF), 2020.

ZAMUDIO, Adela. Nacer hombre. In: BEDREGAL, Yolanda. **Antología de la poesía boliviana**. La Paz/Cochabamba: Editorial los amigos del libro, 1977.

Recebido em: 21 de maio de 2024.

Aceito em: 13 de julho de 2024.

Publicado em: 30 de outubro de 2024.

